



A ARTE DE ALFABETIZAR NA PANDEMIA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS UTILIZADAS POR PROFESSORES

ALÉRICO, Eduarda Carvalhais. ¹

DALLA VALLE, Evania Catia De Toni.²

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os impactos da pandemia na educação, com o foco nos desafios e estratégias utilizadas por profissionais em alfabetizar os alunos nesse período. A metodologia utilizada foi a entrevista a fim de entender como os profissionais trabalharam nesse período temeroso para a educação, assim buscando respostas qualitativas. As análises dos resultados foram baseados na vivência e no relato de cada profissional. Os resultados mostram que a pesquisa cumpriu sua finalidade de analisar os impactos da pandemia na alfabetização, evidenciando os desafios e estratégias utilizadas pelos educadores.

Palavras chave: Educacional. Pandemia. Dificuldades. Alfabetização. Professores.

1 INTRODUÇÃO

O conceito de infância e sua valorização no contexto educacional passaram por significativas transformações ao longo dos séculos. No passado, a criança era vista como um "adulto em miniatura", sem reconhecimento adequado de suas necessidades específicas, tanto no âmbito familiar quanto na educação. Conforme Ariés (1981) destaca, a arte medieval até o século XII pouco representava a infância como uma fase distinta da vida.

Com o tempo, o entendimento sobre a infância evoluiu, e a criação de instituições voltadas para o cuidado e educação infantil tornou-se uma prioridade. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 reforça a educação como um direito universal

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ampère (FAMPER)

² Professora orientadora, Bacharel em Direito pela UNOESTE, Licenciada em Arte e Pedagogia pela FAMPER, Especialista em Docência do Ensino Básico e Superior, professora da Educação Básica e Acadêmica, Especialista em Gestão Inovadora na Educação Básica e Profissional.

e um dever compartilhado entre Estado, família e sociedade, destacando sua importância para o desenvolvimento pleno do indivíduo e sua preparação para a cidadania e o trabalho.

As teorias do desenvolvimento infantil propostas por Piaget e Vygotsky (1998) trouxeram novas perspectivas ao processo de ensino-aprendizagem, ressaltando a importância de metodologias que respeitem as etapas de desenvolvimento da criança e promovam a interação social como elemento central na aquisição do conhecimento.

Entretanto, a chegada da pandemia de COVID-19 em 2020 trouxe desafios sem precedentes para a educação global. As escolas foram forçadas a adaptar-se rapidamente ao ensino remoto, alterando profundamente as dinâmicas pedagógicas tradicionais. Este cenário apresentou um impacto especialmente forte sobre o processo de alfabetização, particularmente na educação infantil e nas turmas do primeiro ano do ensino fundamental. Em Ampére-PR, os professores enfrentaram dificuldades significativas ao tentar manter a qualidade da educação em um ambiente remoto, enfrentando desafios únicos na fase de alfabetização.

A escolha deste tema surge da observação das dificuldades enfrentadas por professores da educação infantil e do ensino fundamental nos anos iniciais em uma escola do município de Ampére-PR. Durante o período da pandemia, tornou-se evidente o impacto negativo nas práticas de ensino, especialmente na alfabetização, devido à transição forçada para o ensino remoto. Compreender essas dificuldades é essencial para refletir sobre as lições aprendidas e para preparar futuros professores a enfrentar os desafios de um ambiente educacional cada vez mais instável e digitalizado.

Este trabalho tem como objetivo principal compreender como se deu o processo de ensino durante a pandemia da COVID-19 para os professores de educação infantil e do ensino fundamental I na cidade de Ampére-PR, com foco especial na prática de alfabetização. A pesquisa busca identificar as estratégias utilizadas pelos professores, as dificuldades enfrentadas e as consequências que a pandemia trouxe para o processo de alfabetização dos alunos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ALFABETIZAÇÃO

Segundo Paulo Freire (1982) a alfabetização não é apenas uma capacidade de identificar palavras ou reconhecê-las, mas sim um processo de compreensão, onde o indivíduo passa a compreender e interpretar o mundo ao seu redor.

Discutir a alfabetização e sua evolução até os dias atuais revela um processo imenso e cheio de informações. A invenção da alfabetização começa na antiguidade, com o surgimento dos primeiros ensinamentos de escrita. Essas práticas permitiram que as pessoas começassem a entender como a leitura e as escritas funcionam, possibilitando a compreensão e utilização correta.

No Brasil o primeiro traço da alfabetização deu-se início através da igreja católica com as missões jesuítas, onde os padres jesuítas tinham a missão de catequizar os índios e convertê-los para a fé católica. Segundo Ferreiro (1985, p.25) “A educação jesuítica, voltada para a formação de uma elite e baseada na memorização de textos sagrados, serviu como modelo para a educação colonial onde a repetição e a cópia era métodos privilegiados”. Diante disso, percebe-se que os jesuítas ao fazer a prática de ensino dirigiam seus ensinamentos para as coisas sagradas, enfatizando a leitura, repetição e cópia.

Com a expulsão dos jesuítas em 1759, houve vários avanços na alfabetização, mas só no ano de 1961 a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) oficialmente conhecida como Lei Nº 4.024, representou um marco importante no sistema educacional brasileiro. No contexto da alfabetização, trouxe alguns avanços importantes. Em seu artigo 30 diz que: “O ensino primário é obrigatório para todas as crianças de sete a quatorze anos e será ministrado em escolas públicas ou particulares”. Essa medida buscava universalizar a educação básica para todos, promovendo assim a alfabetização em todo o território brasileiro.

Atualmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu artigo 1º ressalta um ensino que visa a formação integral do aluno proporcionando-lhe acesso ao conhecimento.

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Entretanto a pandemia da Covid-19 trouxe desafios inesperados para o sistema educacional, por conta de ser uma doença drasticamente contagiosa forçou ações inesperadas.

2.2 COVID-19

No final de 2019 e no início de 2020, deu-se início a pandemia do Coronavírus, chamado de Covid-19, assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020. De acordo com Ministério da Saúde (2020) “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”

A doença surgiu em Wuhan, na China, desde então se fez presente em dezenas de países, assim contaminando mais de 655 milhões de pessoas. No Brasil o primeiro caso foi anunciado no dia 26 de fevereiro de 2020 na cidade de São Paulo-SP. Diante disso, em poucas semanas a doença já havia se espalhado por todo território nacional.

No mês de abril de 2020 o país registrava 50 mil casos da doença e cerca de 3 mil mortes, nos meses seguintes os números de mortes aumentavam cada vez mais, com o avanço da pandemia no decorrer dos dias causou superlotação de hospitais causando assim um colapso no sistema de saúde em muitos estados, resultando na falta de leitos e equipamentos de trabalho para profissionais da saúde.

Diante da calamidade, foram implantados alguns efeitos de ordem como os lockdowns e o distanciamento social, com o intuito de minimizar a transmissão do vírus, com isso a mudança do cotidiano foi se dando forma, uso de máscara e a introdução do mundo digitalizado foi ganhando espaço mais e mais.

Só no ano de 2021 a vacinação teve início no país, de acordo com uma publicação do Ministério da Saúde no dia 28/03/2023, “passados três anos desde o primeiro caso de Covid-19 registrado no país, o Brasil alcançou outro triste marco nesta terça-feira (28): 700 mil mortes causadas pela doença. Um número que compreende todas as trajetórias interrompidas e famílias enlutadas. Milhares delas poderiam ter histórias diferentes com uma ação simples: vacinação. No combate da maior crise sanitária da história do país, a ciência comprova que a principal forma de proteção contra casos graves e óbitos é a vacina.”

A Covid-19 provocou aproximadamente a morte de 713.026 pessoas no Brasil desde o início da pandemia até o dia 29 de agosto de 2024, conforme os dados Do Ministério da Saúde.

A pandemia da Covid-19 trouxe grandes transformações para todo o mundo, com a necessidade do distanciamento social o sistema educacional teve que se adaptar rapidamente as novas demandas do ensino, esse cenário de emergência acabou revelando muitas vulnerabilidades.

2.3 EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

A Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 diz que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

O processo de ensino acontece de diferentes formas, e é o papel da educação ensinar os sujeitos para o mundo. Nesse caso o objetivo do processo de ensino é formar o aluno, capacitá-lo, e a escola deve propor formas para ajudar no seu desenvolvimento.

Para Brandão (1993) todo ser vivo passa por um processo educativo, assim como animais os seres humanos também passam por alguma experiência de aprendizagem nos diferentes setores como: em casa, na igreja, na rua e na escola.

A educação para Libâneo (1994, p.18), “[...] é um fenômeno social. Isso significa que ela é parte integrante das relações sociais, econômicas, políticas e culturais de uma determinada sociedade”.

Em um contexto escolar Paulo Freire (1996) destaca que ensinar não é transferir conhecimento de uma mente a outra, mas sim dar possibilidades para que ele seja produzido ou construído.

E de repente o ensinar se torna muito diferente comparado a anos anteriores, com a chegada da pandemia COVID-19, as escolas reinventaram-se na descoberta de novos caminhos, novos métodos de ensinar.

Diante disso, a necessidade do fechamento das escolas atingiu toda a população escolar mundial. No dia 17 de março de 2020, por meio da Portaria nº 343, o Ministério da Educação (MEC) se manifestou sobre a “substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia da COVID-19,”.

De acordo com Moreira, os alunos e professores acostumados com a sala de aula foram obrigados a mudar.

Precisaram migrar para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado por ensino remoto de emergência. (Moreira, 2020, p. 352)

Com essa nova mudança de realidade acabou mostrando tantas fragilidades no sistema educacional, mas também acabou incentivando novas oportunidades de ensino. Com a necessidade do fechamento repentino das escolas, as instituições tiveram que se adaptar as necessidades de cada aluno, todavia é importante ressaltar que a transição para o ensino remoto foi uma solução válida e imediata, entretanto expôs grandes desigualdades entre os alunos inseridos em diferentes contextos sociais.

O ensino remoto, embora tenha permitido a continuidade aos estudos, trouxe desafios tanto para os alunos como para os professores, principal ponto a destacar é de que nem todos os alunos têm acesso à tecnologia ou à internet de alta velocidade. Além disso, alguns alunos podem não ter um ambiente doméstico propício para o estudo.

Muitos educadores tiveram que se adaptar rapidamente ao ensino online, aprendendo novas ferramentas e métodos de ensino. Isso pode ter sido um desafio para alguns, especialmente para os mais velhos ou menos familiarizados com tecnologia.

De acordo com uma pesquisa do Instituto DataSenado (2022) mostrou que o ensino na pandemia foi extremamente impactado, nesta pesquisa foram ouvidos, por meio de grupos focais, brasileiros que têm filhos(as) ou são responsáveis por crianças ou adolescentes em idade escolar. Um dos principais desafios relatados pelos participantes foi a mudança de rotina em casa, pois os pais ficaram com uma porcentagem muito grande de responsabilidade pelo ensino dos seus filhos, em muitos casos os pais não tinham condições de ensinar os filhos, muitos não tinham tempo outros não possuíam conhecimento.

"Foi difícil. Eu trabalho home office e conciliar aula online com o trabalho foi complicado porque não tive apoio do meu esposo, porque ele trabalhou direto na pandemia. Eu tive que adaptar, acordar mais cedo para depois fazer tudo que eu tinha que fazer para entregar no dia e ajudar ela. Agora

ela está se desenvolvendo bem, só que não concordo com as aulas online, ao invés de ajudar só prejudicou. O esforço maior foi meu." (Mulher, Grupo Misto 41 a 60 anos – SP)

No ensino, através das falas dos participantes, é possível identificar que a mudança do presencial para o remoto afetou significativamente a aprendizagem das crianças. "Durante a pandemia era só brincadeira, nada de estudo. Para mim foram 2 anos perdidos." (Homem, Grupo Misto 25 a 40 anos – Salvador)

Além do prejuízo no ensino percebeu-se que tanto os alunos quanto os professores enfrentaram desafios em relação à saúde mental durante a pandemia, incluindo o estresse, a solidão e a ansiedade relacionados ao isolamento social e às incertezas sobre o futuro.

"É estudioso, respeitador, então foi bem no online, mas a parte da interação com os colegas foi complicado. Ele passou de criança para adolescente sem ter um amigo do lado." (Homem, Grupo Misto 41 a 60 anos – Curitiba)

A pandemia também impulsionou a inovação na educação, com o surgimento de novas ferramentas e abordagens de ensino online. Isso inclui o uso de inteligência artificial, realidade virtual e outras tecnologias para melhorar a experiência de aprendizado. Em muitos casos, as instituições adotaram um modelo híbrido de ensino, combinando aulas presenciais e online para atender às necessidades dos alunos e garantir a segurança durante a pandemia.

Serra, Lima, Silva, Santos e Santana (2022, p. 2) asseguram que levando em conta o momento vivido.

[...] salienta-se que a educação a distância, o ensino remoto e as instruções online não são novas abordagens para a Pedagogia, entretanto, reacenderam os debates para a construção de uma concepção adequada ao contexto. Assim, o ensino remoto caracteriza-se de forma emergencial, buscando dar conta de uma demanda imprevista, a partir do uso de Tecnologias de Comunicação e de Informação (TICs), sendo necessário somar esforços para superar as vulnerabilidades dos sistemas educacionais.

Silva Júnior (2023, p. 315), afirma que o contexto pandêmico fez com as instituições de ensino se reinventassem, "[...] abrindo mão do uso das metodologias tradicionais em detrimento do uso das metodologias ativas de ensino-aprendizagem por meio das tecnologias digitais[...]".

Nesse contexto, as famílias também tiveram que se adaptar a esta nova fase da educação, alunos que antes iam para escola, agora assistiam às aulas virtualmente. Desta forma, é certo dizer que o período pandêmico instaurou uma nova fase na história da educação, podendo dizer que formatou a educação e introduziu metodologias até então conhecidas como estranhas no contexto escolar, como: Google Meet, Classrom, apostilas impressas, videoconferência, até aplicativos sociais como WhatsApp, foi utilizado a modo de transmitir conteúdos. Nesse sentido pode-se pontuar que.

[...] o mundo parou diante da pandemia, e a escola abriu suas janelas para um ensino cada vez mais moderno, onde se produz e reproduz informações, de forma que o conhecimento se modifica, circula e se atualiza em tempo real e em diversas interfaces, sendo possível “digitalizar sons, imagens, gráficos, textos, enfim uma infinidade de informações” (Teixeira; Nascimento, 2021, p. 51)

2.4 METODOLOGIA

A metodologia é o método científico utilizado para alcançar os resultados da pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (1990, p.17):

Toda pesquisa deve basear-se em uma teoria, que serve como ponto de partida para a investigação bem-sucedida de um problema. A teoria sendo instrumento da ciência é utilizada para conceituar os tipos de dados a serem analisados.

A pesquisa foi realizada a caráter qualitativo a fim de explorar como foi ensinar no período pandêmico. Esse tipo de pesquisa é adequada pois será fundamental entender a profundidade desse período temeroso.

Foram entrevistados quatro professores da rede municipal de ensino de Ampére-PR, a seleção desses participantes foi delimitada a fim de incluir docentes que realizaram a etapa de alfabetização nas salas de pré-escola e primeiros anos do ensino fundamental anos iniciais nos anos de 2020 e 2021 durante o período da pandemia da COVID-19.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas que se deram de forma presencial, através do diálogo os professores relataram suas experiências de como foi alfabetizar os alunos no período pandêmico seguindo um roteiro de perguntas. Essa entrevista foi conduzida em local escolhido pelo entrevistado para garantir conforto.

O roteiro de perguntas incluiu perguntas sobre como foi alfabetizar durante a pandemia da COVID-19, quais estratégias utilizadas pelos professores para que houvesse a efetivação da alfabetização, como esse período abalou a educação e fragilizou o processo de alfabetização, etc.

Como procedimentos cabíveis de primeiro momento foi feito um contato inicial com cada professor explicando o motivo do contato, posteriormente solicitado se aceitavam fazer parte do estudo, foi marcado um local para realização da entrevista, a qual foi gravada com permissão dos participantes e posteriormente transcrito para análise dos dados.

Para concluir os dados coletados foram armazenados e usados exclusivamente para fins deste estudo.

2.5 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Professora A

1. A quantos anos é profissional da educação? Sempre trabalhou com essa modalidade?

R= *“Trabalho com a Educação Infantil a 11 anos.”*

2. Você como profissional da educação infantil, o que se deve trabalhar com os alunos, para que quando cheguem no ensino fundamental eles consigam iniciar seu processo de leitura e escrita?

R= *“Devemos trabalhar os cinco campos de experiência né, com os direitos da criança também, proporcionando a ela desenvolverem as habilidades para eles estarem prontos para alfabetização.”*

3. E na pandemia como as atividades de pré-alfabetização, como o reconhecimento das letras e sons, foram adaptadas para o ambiente remoto ou híbrido?

R= *“As atividades eram feitas em apostilas e eram entregues, nem todas as atividades e objetivos nós conseguimos alcançar, como se tivesse na sala, aqueles que os pais ajudavam mais e participavam dos grupos de WhatsApp, mas alguns alunos tinham muitas dificuldades e os pais não colaboravam com essa mediação entre professor e aluno.”*

4. Quais foram os principais desafios de ensinar habilidades iniciais de alfabetização para crianças da pré-escola durante a pandemia?

R= *“O desafio era a distância, não estávamos com a criança, nós não sabíamos se eles estavam entendendo as atividades que mandávamos pra casa, ou se eram eles que faziam, muitas vezes quem realizava as atividades eram os pais, esse foi um grande desafio, nós não estávamos corpo a corpo com a criança para identificar, porque as vezes você não percebe só na escrita, mas também na oralidade.”*

5. Que tipo de apoio institucional ou de formação continuada você recebeu para lidar com esses desafios durante a pandemia?

R= *“Durante a pandemia não, só após.”*

6. Além das orientações da instituição de como trabalhar nesse período, ao perceber as necessidades de seus alunos, você buscou estratégias/metodologias diferentes?

R= *“Muitas pesquisas na internet, para buscar atividades diferenciadas para alcançar os objetivos que queríamos, também a leitura, nós sentimos que muitos precisávamos levar livros da biblioteca da escola para casa, eles estavam sem acesso a livros, só tinham acesso pela internet e pelas apostilas, então fizemos uma caixa de leitura que mandávamos junto com as apostilas um livro para os pais terem um momento de contação de história em casa também.”*

7. Você percebeu diferenças no ritmo de aprendizado das crianças em comparação aos anos anteriores? Isso acarretou prejuízos para que elas conseguissem ler e escrever no tempo esperado?

R= *“Sim, as crianças estavam com mais dificuldades”. “Com certeza porque eles não adquiriram as habilidades que eles deveriam adquirir nesse tempo do infantil.”*

8. Nesses anos de profissão, alguma vez encontrou dificuldades em transmitir conhecimento como no período de pandemia?

R= *“Não, antes não, foi um período de coisas novas e diferentes que até tivemos que se repensar a maneira de ensinar.”*

9. Já havia visto um colapso nessa proporção na educação? Como você descreveria a educação na pandemia?

R= *“Não, esse período foi um desafio, também foi um momento que paramos para refletir sobre nossas metodologias em sala, onde buscamos novas metodologias, muitas vezes estávamos acostumados de uma maneira então tivemos que repensar”.*

10. Hoje o que você acha que deveria ser feito para tentar melhorar um pouco as defasagens de aprendizagens dos alunos que são oriundos da pandemia?

R= *“Hoje eu percebo, que os alunos precisariam de um reforço, ainda não vai da contar de suprir tudo porque eles deveriam aprender naquela idade, e tem dificuldades que eles carregarão pro resto da vida, então eles virão no período contrario de aula para poderem suprir um pouco, e também muitas atividades para casa, porque se a família ajudar um pouco em casa eles conseguem aprender um pouco mais.”*

11. O que você diria para os futuros professores que terão em suas salas de aulas alunos que enfrentaram essas dificuldades?

R= *“Que devemos ter um olhar diferenciado para cada criança, entender a realidade de que família ela vem, e tentar ajudar essa criança, porque a criança que sabe, você ensinou e ela vai pra frente, ela aprende e já a criança que tem dificuldades tem que pensar em outras metodologias outras maneiras de tentar ajudar ela alcançar os objetivos.”*

As respostas da professora A oferece uma visão profunda dos desafios e das adaptações enfrentados na educação infantil durante a pandemia. Com 11 anos de experiência, ela destaca a importância de trabalhar os cinco campos de experiência e os direitos da criança. Durante a pandemia, a transição para atividades remotas, como o uso de apostilas, revelou-se desafiadora, especialmente devido à falta de interação direta com os alunos. Isso dificultou a avaliação do aprendizado, levando em conta que as crianças dependiam do auxílio dos pais, o que complicava a identificação das dificuldades individuais.

A professora observou um aumento nas dificuldades de aprendizado em comparação aos anos anteriores, o que afirma que dificuldades adquiridas durante esse período podem ter um impacto longo nas habilidades das crianças. Para minimizar esses desafios, ela buscou novas metodologias, como a criação de "caixas de leitura", que ofereciam acesso a livros e incentivavam momentos de leitura em família.

Além disso, a pandemia levou a professora a repensar suas práticas pedagógicas. Ela reconhece a necessidade de reforço para ajudar os alunos a superarem as defasagens de aprendizado, sugerindo aulas em período contrário e atividades para casa, destacando a importância da colaboração família.

Por fim, a professora enfatiza a necessidade de um olhar diferenciado para cada aluno, considerando suas realidades. Essa abordagem é fundamental para atender às diversas necessidades de aprendizado, preparando os futuros educadores para um cenário educacional em constante evolução. As reflexões dela não apenas mostram os desafios da pandemia, mas também apontam caminhos para novas práticas de ensino.

Professora B

1. A quantos anos é profissional da educação? Sempre trabalhou com essa modalidade?

R= *“Trabalhei 2 anos como estagiária, sai fiquei 2 anos fora, fui chamada no concurso e já estou a 6 anos e meio, desde que assumi meu concurso trabalho com a educação infantil.”*

2. Você como profissional da educação infantil, o que você deve trabalhar com os alunos, para que quando cheguem no ensino fundamental eles consigam iniciar seu processo de leitura e escrita?

R= *“Trabalhamos as vogais, trabalhamos o agrupamento de sílabas, isso ajuda muito, tem muitos alunos que já saem da pré-escola lendo palavras simples, não somos orientadas a ensinarem eles a lerem, mas fazemos esse início pra que eles não cheguem no primeiro ano e levem um baque.”*

3. E na pandemia como as atividades de pré-alfabetização, como o reconhecimento das letras e sons, foram adaptadas para o ambiente remoto ou híbrido?

R= *“Eu acho que não tínhamos como ensinar de verdade, fazíamos vídeos explicando as atividades, mas eu acho que não surtiu muito efeito, tinha alunos que não faziam, outros eram os pais que faziam e nós sabíamos, não foi fácil, mesmo gravando vídeos achando músicas e histórias sobre as atividades, mesmo assim acho que não se deu um ensino de verdade.”*

4. Quais foram os principais desafios de ensinar habilidades iniciais de alfabetização para crianças da pré-escola durante a pandemia?

R= *“Era tudo difícil realizar qualquer atividade, entregávamos a apostila e gravamos um vídeo da aula do dia, mas era difícil a criança que sentava e fazia ou os pais estavam comprometidos em ajudar.”*

5. Que tipo de apoio institucional ou de formação continuada você recebeu para lidar com esses desafios durante a pandemia?

R= *“Sim a educação ofertava bastante curso, cursos online que valiam horas depois, aprendíamos como montar slides, vídeo aula bastante coisa.”*

6. Além das orientações da instituição de como trabalhar nesse período, ao perceber as necessidades de seus alunos, você buscou estratégias/metodologias diferentes?

R= *“Não buscava muito, íamos pra escola só pra entregar as apostilas e voltamos pra casa novamente, usava bastante vídeos que falavam daquela atividade, mas não tinha muito o que fazer.”*

7. Você percebeu diferenças no ritmo de aprendizado das crianças em comparação aos anos anteriores? Isso acarretou prejuízos para que elas conseguissem ler e escrever no tempo esperado?

R= *“Muito, quando voltou as aulas aqueles que fizeram o pré 1e 2 em casa por exemplo não sabiam quase nem segurar um lápis, nos primeiros meses de retorno era intercalado em uma semana vinha tantos alunos na outra esses ficavam em casa e os outros vinham, mas foi bem complicado. Ainda hoje conversamos com outras professoras elas relatam que alunos do 5º ano não sabem escrever ou ler, esses que vieram da pandemia sofrem até hoje, eles têm muita dificuldade.”*

8. Nesses anos de profissão, alguma vez encontrou tantas dificuldades em transmitir conhecimento como no período de pandemia?

R= *“Não, nesse período foi o pior.”*

9. Já havia visto um colapso nessa proporção na educação? Como você descreveria a educação na pandemia?

R= *“Nunca tinha visto. Sofrimento tanto para os alunos quanto para os professores e fingimento também, porque fingíamos que ensinávamos e os alunos fingiam que aprendia.”*

10. Hoje o que você acha que deveria ser feito para tentar melhorar um pouco as defasagens de aprendizagens dos alunos que são oriundos da pandemia?

R= *“Já tem as salas de apoio, mas teria que ser 3 vezes por semana não só 1 dia, por exemplo, cada dia ensinar só uma coisa, tipo ou só matemática ou só português para não sobrecarregar a cabeça deles também.”*

11. O que você diria para os futuros professores que terão em suas salas de aulas alunos que enfrentaram essas dificuldades?

R= *“Muita paciência e perseverança busca bastante coisa diferente que chamem a atenção deles, tipos de metodologias diferentes.”*

As respostas da profissional da educação infantil revelam os profundos desafios que o ensino enfrentou durante a pandemia. Com uma experiência acumulada de 6 anos e meio na educação infantil, a profissional destaca a importância de trabalhar habilidades iniciais de alfabetização, como o reconhecimento das vogais e a formação de sílabas. Essa abordagem visa preparar os alunos para o ensino fundamental.

Durante a pandemia, no entanto, as atividades de pré-alfabetização foram severamente comprometidas. A profissional relata que, apesar das tentativas de utilizar vídeos e atividades remotas, o aprendizado foi realizado superficialmente. Para crianças pequenas, o engajamento no formato remoto é difícil, evidenciando a importância do contato físico e da interação direta no processo educativo.

As consequências desse ensino remoto foram ainda mais evidentes ao observar o desempenho dos alunos após o retorno às aulas presenciais. Muitos alunos não conseguem segurar um lápis, e a baixa alfabetização se estende até os dias de hoje. Embora a instituição tenha oferecido cursos online para formação continuada, a profissional não buscou alternativas diferentes.

Em seu conselho para futuros professores, ela enfatiza a importância da paciência e da adoção de metodologias inovadoras. A adaptação às necessidades dos alunos, especialmente aqueles que enfrentam desafios importantes.

Professora C

1. A quantos anos é profissional da educação?

R= *“Comecei trabalhando como estagiária, atuei por 6 anos na educação infantil, depois assumi meu concurso e estou a 21 anos trabalhando no ensino fundamental e na educação infantil, eu tenho dois padrões, um de educação infantil e ensino fundamental e o outro só de ensino fundamental.”*

2. Você como professor alfabetizador, o que você deve trabalhar com os alunos, para que consigam iniciar seu processo de leitura e escrita?

R= *“Quando eles chegam no primeiro ano nós fazemos uma revisão de todas as letras que eles já vem aprendendo lá da educação infantil, além das letras também trabalhamos para juntar as sílabas mas antes de tudo sempre trabalhar os sons das letras, que juntando elas formam as sílabas, primeiro trabalhamos sílabas simples depois vamos para as mais complexas, conseqüentemente eles vão memorizando os sons das letras, a leitura é uma consequência de tudo, é vamos trabalhando de varias formas, com o concreto com o lúdico, porque tem crianças que aprendem ouvindo e outras fazendo então temos que pensar em todas as formas para conseguirmos alcançar todos os alunos, respeitando suas capacidades.”*

3. Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao alfabetizar as crianças de forma remota ou híbrida durante a pandemia?

R= *“A principal dificuldade era que nós não estávamos presentes para explicar, dependíamos totalmente dos pais estarem repassando para eles, e nem sempre os pais sabiam o que passar e como passar eles faziam o que eles podiam, então muitas vezes os nossos objetivos não eram alcançados.”*

4. Que tipo de apoio institucional ou de formação continuada você recebeu para lidar com esses desafios durante a pandemia?

R= *“A única coisa que agente recebeu de apoio da instituição eram as impressões das apostilas que depois eram repassadas para os alunos, mas nós utilizávamos nossos computadores, nossos celulares, pela secretaria de educação foi ofertado um curso para usar uma plataforma, mas a grande maioria dos pais das nossas crianças não tinham computadores e não sabiam como utilizar então o uso dessas plataformas não era tão frequente.”*

5. Além das orientações da instituição de como trabalhar nesse período, ao perceber as necessidades de seus alunos, você buscou estratégias/metodologias diferentes?

R= *“Busquei metodologias por conta própria, busquei vídeos, gravava as aulas, jogos para ajudar e as apostilas.”*

6. Quais estratégias ou ferramentas digitais você utilizou para facilitar o processo de alfabetização nesse período?

R= *“Nesse período o WhatsApp foi nosso maior aliado, maioria dos vídeos e gravação das aulas eram enviadas pelos grupos de WhatsApp.”*

7. Você percebeu mudanças no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita das crianças em comparação aos anos anteriores?

R= *“Muita, porque os pais que conseguia passar as aulas, as crianças até desenvolveram, mas teve pais que não conseguiram se fazer presente seja por falta de tempo, conhecimento, teve muita defasagem de conteúdo, nós fizemos o que estava ao nosso alcance.”*

8. Nesse período os pais tiveram uma porcentagem muito significativa nesse processo, como foi a participação deles no processo de alfabetização das crianças durante as aulas remotas?

R= *“Foi essencial a participação deles, mas como eu disse nem todos conseguiam, tinham que trabalhar e depois de um dia cansativo de trabalho chegar em casa e realizar as atividades com os filhos era difícil muitos acabavam fazendo pelas crianças.”*

9. Houve dificuldades específicas na alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia?

R= *“Com certeza, muitos não tinham nem acesso a celular, e tinham crianças que muitas vezes entregavam as apostilas incompletas.”*

10. A educação infantil tem um papel muito importante na alfabetização, como você avalia o impacto da pandemia na transição das crianças entre a educação infantil e o ensino fundamental?

R= *“A educação infantil foi uma fase que teve muito prejuízo porque é aonde que eles desenvolvem todas as habilidades, como segurar o lápis, como recortar, como colori também faltou toda a parte do reconhecimento das letras, eles foram muito prejudicados, quando esses alunos chegaram no próximo ano, no primeiro ano eles não tinham toda aquela bagagem que vem da educação infantil, então tivemos que fazer tudo isso no primeiro ano pra daí sim começar o processo de alfabetização, então a educação é um processo se cortarmos um pedaço dele ela fica prejudicada.”*

11. Como você ajustou o planejamento de atividades de alfabetização para atender às necessidades das crianças quando elas retornaram ao ensino presencial?

R= *“Com certeza, primeiro fizemos uma avaliação diagnóstica para verificarmos o que eles sabiam, e depois fomos tentando adequar as atividades, muitas vezes planejávamos uma atividade que alcançasse todos mas tínhamos que tirar atividades separadas para aqueles que já estavam muito avançados, quando*

voltamos da pandemia, voltamos em duas etapas, uma semana vinham metade dos alunos na outra vinham a outra metade, na semana que eles ficavam em casa as atividades que eram levadas não eram feitas porque os pais achavam que não era necessário pois as aulas tinham retornado, então esse período foi difícil também.”

12. Você observou diferenças no aprendizado entre crianças que tiveram mais acesso a recursos tecnológicos e aquelas que tiveram menos?

R= *“Tem muita diferença, querendo ou não as crianças que tem mais acesso a tecnologia se desenvolvem mais e eles tem uma percepção melhor.”*

13. Você percebeu diferenças no ritmo de aprendizado das crianças em comparação aos anos anteriores? Isso acarretou prejuízos para que elas conseguissem ler e escrever no tempo esperado?

R= *“Muita. Até hoje os alunos que passaram pela pandemia o mais prejudicado agente nota que eles têm um retardo na aprendizagem, hoje eu dou aulas em todas as turmas e consigo perceber que os alunos que passam pela pandemia têm uma falta significativa de conteúdo.”*

14. Nesses anos de profissão, alguma vez encontrou tantas dificuldades em transmitir conhecimento como no período de pandemia?

R= *“Não, a pandemia foi um baque que aconteceu na vida da gente, primeiro se assustamos porque não sabíamos como ensinar, mas por tudo que passamos olhamos e vemos que mesmo com muitas dificuldades ainda conseguimos transmitir alguma coisa de conhecimento para os alunos, com o passar dos meses nos adaptamos e conseguimos passar por esse processo.”*

15. Já havia visto um colapso nessa proporção na educação? Como você descreveria a educação na pandemia?

R= *“Não, a educação na pandemia foi uma educação fragilizada porque na pandemia conseguimos perceber que a ferramenta a pessoa professor é muito importante, estar ali todo dia explicando, retomando que muitas vezes não era feito em casa, na escola percebemos que se o aluno não aprende daquela forma buscamos outra maneira, na pandemia isso não aconteceu, esse período mostrou quem sem o professor a educação não acontece.”*

16. Hoje o que você acha que deveria ser feito para tentar melhorar um pouco as defasagens de aprendizagens dos alunos que são oriundos da pandemia?

R= *“Teria que ser feito o que não esta acontecendo é a sala de apoio, na nossa escola não tem, ano passado tinha mias era uma vez por semana um número*

insuficiente teria que ser pelo menos umas três vezes na semana, esse ano até teve uns meses mas se cancelou novamente, quando nós voltamos da pandemia eu trabalhava com um quarto ano de manhã e um segundo a tarde, eu tinha lá no quarto ano quatro alunos que não sabiam ler e escrever, o que eu fiz conversei com os pais desses alunos, com a direção da escola, esses quatro alunos vinham no período da tarde para poderem se alfabetizar no segundo ano, a partir do momento que eles se alfabetizaram eles conseguiram acompanhar os conteúdos dos quarto ano, então foi uma ação que eu me disponibilizei para fazer, os pais aceitaram a escola aceitou mesmo não sendo uma coisa legal documental foi uma coisa que os ajudou muito.”

17. O que você diria para os futuros professores que terão em suas salas de aulas alunos que enfrentaram essas dificuldades?

R= *“Muita força de vontade para tentar recuperar, porque assim tem que ter estratégias diferentes porque se não ter não recupera, tem que ter vontade para tentar recuperar esses alunos.”*

A entrevista com a Professora C revela uma profunda reflexão sobre os desafios enfrentados na alfabetização durante a pandemia, destacando a adaptação necessária às situações imprevistas e a resiliência dos educadores. Com uma carreira de 21 anos de experiência, a professora iniciou sua trajetória como estagiária.

Em relação ao processo de alfabetização, a professora destaca que o trabalho começa com a revisão das letras que os alunos já aprenderam na educação infantil, seguido de um foco nos sons das letras, para depois avançar para a formação de sílabas simples e, posterior, sílabas mais complexas. Ela adota uma abordagem inclusiva, utilizando métodos concretos, lúdicos e auditivos, permitindo que as crianças aprendam de formas diferentes.

Contudo, uma pandemia impõe uma série de desafios significativos. A principal dificuldade, segundo a professora, foi a falta de presença física dos professores para orientar e explicar diretamente os conteúdos. A dependência dos pais para mediar o aprendizado também foi um obstáculo. Muitos pais, apesar de tentarem ajudar, não tinham o conhecimento ou os recursos necessários para dar suporte adequado aos filhos. Além disso, a falta de acesso à tecnologia foi um fator crítico.

A professora também mencionou que o apoio institucional foi insuficiente. A escola apresentou apostilas impressas e a Secretaria de Educação ofereceu cursos para o uso de plataformas digitais, mas, como muitos pais não tinham acesso à tecnologia ou conhecimento para utilizá-la, essas iniciativas não foram eficazes na maioria dos casos. Para superar essas limitações, a professora recorreu a estratégias próprias, como gravar aulas, enviar vídeos e usar o WhatsApp para comunicação com os alunos e pais.

Em relação ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, a professora vê uma grande defasagem nos alunos. Quando as aulas presenciais foram retomadas, ela se deparou com crianças que não tinham adquirido as habilidades básicas de alfabetização, como o reconhecimento de letras e a escrita. Isso ocorreu principalmente porque, durante o período remoto, muitos alunos da educação infantil não conseguiram aprender o necessário.

Por fim, ela recomendou aos futuros educadores que estarão lidando com alunos que passaram pela pandemia e enfrentaram as dificuldades decorrentes desse período que tenham força de vontade, criatividade e flexibilidade pedagógica. Segundo ela, será necessário um esforço extra para recuperar as lacunas de aprendizagem, utilizando estratégias diferenciadas e muita paciência. A pandemia mostrou, segundo a professora, que a educação depende profundamente do trabalho contínuo e dedicado dos professores.

Professora D

1. A quantos anos é profissional da educação?

R= *“15 anos.”*

2. Sempre trabalhou com o ensino fundamental?

R= *“Trabalhei com a educação infantil já.”*

3. Você como professor alfabetizador, o que você deve trabalhar com os alunos, para que consigam iniciar seu processo de leitura e escrita?

R= *“Trabalhamos a questão de sons das letras, formação de sílabas, frases e conseqüentemente textos, nessa seqüência eles vão aprendendo o valor sonoro das letras e juntando-as.”*

4. Quais foram os principais desafios que você enfrentou ao alfabetizar as crianças de forma remota ou híbrida durante a pandemia?

R= *“Foi a falta de contato, eles realizavam as atividades mas não sabíamos se eles estavam aprendendo ou não, muitas vezes vinham atividade bem feitas mas quando eles retornaram para a escola nós percebemos que não eram eles que estavam fazendo.”*

5. Que tipo de apoio institucional ou de formação continuada você recebeu para lidar com esses desafios durante a pandemia?

R= *“Tivemos apoio da secretaria de educação com cursos de como aprender fazer novas coisas, a fazer apostilas, como trabalhar com as plataformas, criar jogos atividades mais lúdicas.”*

6. Além das orientações da instituição de como trabalhar nesse período, ao perceber as necessidades de seus alunos, você buscou estratégias/metodologias diferentes?

R= *“Busquei muitas coisas novas, uma coisa que eu nunca tinha usado era o QR CODE, então fomos nos aperfeiçoando com formas as necessidades.”*

7. Quais estratégias ou ferramentas digitais você utilizou para facilitar o processo de alfabetização nesse período?

R= *“Eu utilizava bastante vídeos e jogos, e nosso meio de contato com os alunos era por meio dos grupos de WhatsApp.”*

8. Você percebeu mudanças no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita das crianças em comparação aos anos anteriores?

R= *“Sim, é notório os alunos de antes da pandemia e os de depois da pandemia percebe-se que agora eles não querem mais pensar para fazer querem tudo fácil.”*

9. Nesse período os pais tiveram uma porcentagem muito significativa nesse processo, como foi a participação deles no processo de alfabetização das crianças durante as aulas remotas?

R= *“Nas minhas turmas os pais tiveram uma boa participação, mas tivemos alguns casos que buscamos ajuda da promotoria, pois os pais se recusavam a fazer as atividades junto com os filhos, não vinham buscar ou não traziam de volta, mas grande maioria participava.”*

10. Houve dificuldades específicas na alfabetização de crianças em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia?

R= *“Sim, tivemos uma situação de uma mãe que relatou que não conseguia realizar as atividades, então buscamos ajuda com psicóloga, entre outros profissionais.”*

11. A educação infantil tem um papel muito importante na alfabetização, como você avalia o impacto da pandemia na transição das crianças entre a educação infantil e o ensino fundamental?

R= *“Eu vivi essa experiência com meu filho, ele estava no pré dois e foi para o primeiro ano na pandemia, ele teve meu apoio e meu conhecimento, mas os outros alunos que não tiveram essa oportunidade percebe-se a defasagem que eles tinham não seguravam o lápis de forma correta, não conseguiam fazer uma bolinha, identificação das letras era mínima eles foram afetados de forma muito significativa.”*

12. Como você ajustou o planejamento de atividades de alfabetização para atender às necessidades das crianças quando elas retornaram ao ensino presencial?

R= *“Sim, tivemos um período do ano de 2021 que em uma semana vinham metade dos alunos e na outra semana vinha a outra metade, nós selecionávamos aqueles que tinham mais dificuldades para virem todos junto, aí quando retornaram todos os alunos eu trabalhava de forma individualizada as atividades era a mesma para todos, mas eu ia de um em um atendo as necessidades.”*

13. Você observou diferenças no aprendizado entre crianças que tiveram mais acesso a recursos tecnológicos e aquelas que tiveram menos?

R= *“Acho que nem era tanto pela tecnologia, mas sim pelo apoio das famílias, tinha alunos que os pais não tinham celular, mas faziam as apostilas outros que já tinham muitas vezes deixavam incompleta.”*

14. Você percebeu diferenças no ritmo de aprendizado das crianças em comparação aos anos anteriores? Isso acarretou prejuízos para que elas conseguissem ler e escrever no tempo esperado?

R= *“Sim, como disse antes eles têm preguiça de pensar, quando eles não querem fazer simplesmente dizem que não querem fazer e pronto, grande maioria teve dificuldade em ler e escrever no tempo certo de uma turma de 20 alunos 15 tiveram dificuldade.”*

15. Nesses anos de profissão, alguma vez encontrou tantas dificuldades em transmitir conhecimento como no período de pandemia?

R= *“Essa foi maior, eu passei pela H1N1, ficamos 1 mês afastados da escola depois fomos repondo aos poucos, mas não foi igual a COVID-19 foram dois anos de pandemia algo que talvez nunca possamos recuperar.”*

16. Como você descreveria a educação na pandemia?

R= *"Foi uma loucura, foi difícil nos primeiros meses nunca pensamos que seria dessa forma, foi difícil para os professores, para os alunos e para os pais principalmente, isso vai acarretar um prejuízo por um longo período."*

17. Hoje o que você acha que deveria ser feito para tentar melhorar um pouco as defasagens de aprendizagens dos alunos que são oriundos da pandemia?

R= *"Hoje eu acho que é tarde, claro que ajuda, mas deveria ter sido feito algo logo de início, porque agente percebe que os alunos que na época estavam no primeiro ano hoje estão no quinto já passaram da época de se alfabetizar as dificuldades irão acompanhar eles, seria importante uma sala de apoio para ajudar."*

18. O que você diria para os futuros professores que terão em suas salas de aulas alunos que enfrentaram essas dificuldades?

R= *"Tem que ter muito bom senso, acho que tem que levar em conta a necessidade de cada aluno, eu levo muito em consideração isso, acho que um bom professor tem que ter um olhar diferente e reconhecer a dificuldade dos seus alunos."*

A entrevista com a professora revela os profundos desafios enfrentados durante o período de pandemia e os impactos que ela teve no processo de alfabetização. Com 15 anos de experiência na educação, a professora trabalhou tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental e vivenciou, de perto, as dificuldades que surgiram durante o ensino remoto e híbrido. O principal obstáculo relatado por ela foi a falta de contato presencial com os alunos, que dificultou a percepção do verdadeiro aprendizado. Embora as atividades fossem entregues, nem sempre era possível verificar se os alunos estavam realmente aprendendo ou apenas fazendo para entregar, muitas vezes com o apoio dos pais, mas sem compreensão do conteúdo.

A docente destacou que o maior desafio foi a falta de interação direta, essencial para o acompanhamento da aprendizagem. O retorno à escola evidenciou que, em muitos casos, as atividades bem feitas pelos alunos não foram, na realidade, feitas por eles. Isso gerou um distanciamento entre a produção das atividades e a verdadeira aprendizagem, algo difícil de ser verificado no ambiente remoto. A professora buscou alternativas para superar essas limitações, utilizando ferramentas digitais como vídeos, jogos e o WhatsApp para manter o contato com os alunos. Também mencionou o uso do QR Code, uma ferramenta nova para ela. No

entanto, a participação das famílias foi o fator mais decisivo para o sucesso do aprendizado. Em muitos casos, os pais estavam presentes, ajudando nas atividades, mas em outros, a falta de colaboração foi um agravante, principalmente para crianças em situação de vulnerabilidade social.

Além das dificuldades no aprendizado das crianças, a professora destacou o impacto da pandemia na transição da educação infantil para o ensino fundamental. Ela relatou sua própria experiência com seu filho, que, ao passar do pré-2 para o primeiro ano, teve dificuldades de coordenação motora fina, como segurar o lápis corretamente, e no reconhecimento de letras, habilidades essenciais para a alfabetização. Segundo ela, essa defasagem foi notável entre muitos alunos que não tiveram o apoio necessário, o que gerou um atraso significativo no desenvolvimento de competências fundamentais para a leitura e a escrita. A situação exigiu que os professores se adaptassem de forma ainda mais personalizada, com uma atenção individualizada durante o retorno às aulas presenciais, quando os alunos foram atendidos de forma mais direta e personalizada.

A professora também refletiu sobre as diferenças no aprendizado entre os alunos que tiveram mais acesso a recursos tecnológicos e aqueles que não tinham esses meios. Ela acredita que, embora a tecnologia fosse importante, o fator decisivo para o aprendizado foi o apoio das famílias, que muitas vezes não tinham os recursos ou a disposição para colaborar adequadamente com as atividades. Além disso, observou que, em muitos casos, o ritmo de aprendizado das crianças se alterou significativamente, com muitos alunos apresentando dificuldades de concentração e falta de motivação. Muitos não queriam mais “pensar” para realizar as tarefas, preferindo soluções rápidas e fáceis. A professora afirmou que, em uma turma de 20 alunos, cerca de 15 enfrentaram dificuldades em aprender a ler e escrever no tempo esperado.

A pandemia também trouxe à tona um outro grande desafio: a defasagem de aprendizagem. A professora acredita que, embora algumas ações de recuperação estivessem sendo feitas, era tarde demais para reverter completamente os danos, especialmente para aqueles que já haviam avançado para séries mais altas sem ter sido alfabetizados adequadamente. Ela sugeriu a criação de salas de apoio para auxiliar esses alunos, uma medida que, na opinião dela, deveria ter sido

implementada desde o início, mas que poderia ainda ajudar a preencher as lacunas de aprendizagem. A situação foi comparada à experiência com a gripe H1N1, que resultou em um afastamento de apenas um mês, uma experiência bem menos impactante do que os dois anos de pandemia causados pela Covid-19.

Por fim, a professora compartilhou sua visão sobre o impacto duradouro que a pandemia terá na educação. Ele descreveu o período como uma "loucura", difícil para todos os envolvidos, professores, alunos e pais e que causará prejuízos por um longo tempo. Para ela, é evidente que a situação exigirá um esforço contínuo para lidar com as defasagens de aprendizado que se tornaram evidentes durante a pandemia. A professora recomendou que os futuros educadores que lidarem com essas dificuldades sejam sensíveis e atentos às necessidades de cada aluno, tendo sempre um olhar personalizado para compreender e apoiar as dificuldades individuais. Ela acredita que um bom professor precisa ter a capacidade de reconhecer as dificuldades de seus alunos e adotar estratégias pedagógicas adequadas para superá-las.

3 CONCLUSÃO

A pandemia da COVID-19 afetou de forma significativa o sistema educacional, afetando todos os níveis de ensino e, de maneira especial, o processo de alfabetização. Durante o período de isolamento social, o fechamento das escolas e a transição para o ensino remoto trouxeram desafios significativos, que comprometeram o desenvolvimento de habilidades essenciais para a aprendizagem das crianças, principalmente na alfabetização. A falta de interação entre professores e alunos dificultou a aplicação de métodos tradicionais, essenciais para o processo de leitura e escrita.

A pesquisa presente neste artigo comprova que a educação na pandemia foi complexa, mostrando suas fragilidades, as dificuldades encontradas pelos professores em alfabetizar crianças em idade correta e os métodos utilizados pelos mesmos. A análise das entrevistas com educadores indicou que, apesar das tentativas de adaptação pedagógica, houve um aumento significativo na desigualdade de acesso aos recursos educacionais e uma defasagem no ritmo de aprendizagem. Desta forma, a pesquisa não mostra apenas os desafios

encontrados, mas também indica possíveis caminhos onde haja equidade a uma educação de qualidade.

Diante disso, é importante fomentar a importância de métodos educacionais que possam sanar as necessidades dos alunos oriundos da pandemia, todavia deve-se priorizar a inclusão, considerando os diferentes níveis de aprendizagem. Faz-se importante a criação de Políticas Públicas voltada a educação no contexto pós-pandemia, focando na equidade e no fortalecimento do sistema educacional, assim garantindo que todos os alunos tenham acesso às condições necessárias para superar as dificuldades sofridas durante a pandemia da COVID-19.

Com base nos resultados obtidos neste estudo, é possível afirmar que os objetivos expostos foram alcançados, a pesquisa cumpriu sua finalidade de analisar os impactos da pandemia na alfabetização, evidenciando os desafios e estratégias utilizadas pelos educadores.

REFERÊNCIAS

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28o ed., 1993.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961**. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília, 27 dez. 1961

BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília.

BRASIL.. **Ministério da Saúde - COVID-19 NO BRASIL**. Brasília. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em : 29 ago. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Protocolo de manejo clínico para o novo coronavírus (2019-nCoV). Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes/2020/protocolo-de-manejo-clinico-para-o-novo-coronavirus-2019-ncov> . Acesso em: 29 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, 17/03/2020**.. Brasília. Disponível em :

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=145011-pcp005-20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192 Acesso em: 07/09/2024.

BRASIL. **Nota de Esclarecimento.** Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19. Milhares de vidas interrompidas e famílias enlutadas poderiam ter histórias diferentes com a vacinação. Brasília: Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 29 ago. 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Impactos da pandemia na educação no Brasil.** Site eletrônico. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/pesquisas/impactos-da-pandemia-na-educacao-no-brasil> . Acesso em: 07 ago. 2024.

FERREIRO, Emília. **Alfabetização em processo.** 15, ed. São Paulo: Cortez. 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 23 ed. São Paulo: Cortez, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** Coleção Leitura, 25ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico.** 3. ed. São Paulo: Atlas. 1990.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 1. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

MOREIRA, J.A.M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. **Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia.** Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, jan./abr.2020. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.n34.17123>. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/17123>. Acesso em: 07 de ago. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Discurso de abertura do Diretor-Geral da OMS na coletiva de imprensa sobre a COVID-19 - 11 de março de 2020. Genebra: OMS, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020> . Acesso em: 29 ago. 2024.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social.** 2. Ed. São Paulo: Plexus, 1998.

Serra IVS, Lima JMM, Silva GTR da, Santos JXP dos, Santana L da S. **Ensino remoto na pandemia de covid-19: um**

olhar sob a perspectiva de Paulo Freire. Cogitare Enferm. [Internet]. 2022. Disponível em: [dx.doi.org/10.5380/ce.v27i0.84547](https://doi.org/10.5380/ce.v27i0.84547) . Acesso em: 07 ago. 2024.

SILVA JÚNIOR,R.. **Avaliação da aplicabilidade de metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em enfermagem.**Boletim de Conjuntura (BOCA), vol. 14, n. 40,2023.

TEIXEIRA, Daiara Antonia de Oliveira.; NASCIMENTO, Francisleide Lima.“**Ensino remoto: o uso do google meet na pandemia da covid-19**”.Boletim de Conjuntura (BOCA),vol. 7, n. 19,2021.